



Como o Deutsche Bank ajudou no esquema de fuga de capitais da Rússia

Escândalo. O banco alemão é acusado de ter participado num esquema de “lavagem de dinheiro” envolvendo dez mil milhões de dólares, mais de oito mil milhões de euros

DIOGO FERREIRA NUNES

O Deutsche Bank foi apanhado num escândalo de fuga de capitais da Rússia. Em causa está um esquema avaliado em dez mil milhões de dólares (8,86 mil milhões de euros) e que se junta à lista de problemas cada vez maior de um dos maiores bancos mundiais.

Entre o final de 2011 e o início de 2015 três funcionários do banco alemão executaram um esquema de repatriação de capital através do mecanismo de *mirror trade*. A primeira operação era pedida para uma empresa local – representada pelo *broker* Igor Volkov – e consistia na compra em rublos equivalente a dez milhões de dólares em ações de uma grande cotada russa, como a Lukoil. Na segunda operação, Igor Volkov, em representação de uma empresa sediada num paraíso fiscal, vendia a mesma quantidade de ações da mesma empresa, em Londres, em troca de dólares, libras ou euros. Quer a empresa russa quer a *offshore* pertenciam à mesma pessoa. A sala de mercados do Deutsche Bank na Rússia ajudava o cliente a comprar e vender ações a si próprio.

Esta operação, aparentemente, era muito simples, legal e não dava sequer lucro aos clientes – o Deutsche Bank ganhava uma pequena comissão. Só que parte deste dinheiro tinha origem duvidosa. O que levou ao início das investigações dos reguladores financeiros da Alemanha, Reino Unido e do Departamento de Justiça dos EUA. Os britânicos acusam mesmo o banco alemão de “lavagem de dinheiro e financiamento de atividades terroristas”, conta a revista *New Yorker*.

Tudo começou na sequência da crise financeira de 2008. O escritório russo de um dos maiores bancos do mundo começou a procurar outras fontes de receita, depois de anos em que os ganhos eram de perto de 300 milhões de dólares por ano. O esquema de fuga de capitais contava com a participação de vários milionários russos, representados por Volkov, e que geria fundos de investimento com nomes como Westminster, Financial Bridge e Louts. Depois destas operações de *mirror trade*, estes fundos compravam propriedades em Londres e em Nova Iorque.

Este esquema multimilionário de movimento de capitais acabou



“O caso levanta questões sobre quão efetivos são os nossos controlos”, reconheceu John Cryan, CEO do banco

por ter impactos no mercado imobiliário: ao mesmo tempo que o dinheiro saía da Rússia, os preços das casas no Reino Unido aumentavam e até a libra se tornou mais forte, concluíram os próprios analistas do Deutsche Bank.

Vladimir Putin tentou contrariar a fuga de capitais em duas fases: em 2012, pediu aos maiores empresários russos e oligarcas

Ao mesmo tempo que o dinheiro saía da Rússia, o preço das casas subia em Londres

para manterem as fortunas no país. Dois anos depois, e na sequência das sanções dos EUA e da União Europeia ao país (invasão da região da Crimeia), o presidente russo declarou ilegal a transferência de dinheiro para paraísos fiscais. De nada serviu. Muitos russos recorreram ao *mirror trade*, o que só enfraqueceu (ainda mais) o rublo.

Estas operações envolviam aparentemente o círculo próximo de Putin. A Bloomberg chegou a sugerir que parte dos dez mil milhões de dólares desviados seriam de Igor Putin, primo do chefe do Estado russo, e dos irmãos Arkady e Boris Rotenberg. Estes são velhos amigos de Putin e estão na lista de sanções do Ocidente.

As operações decorriam sem que o Deutsche Bank fizesse grande caso. Cada novo fundo de investimento criado tinha de ser sujeito a uma dupla verificação pelos departamentos de *compliance* de Moscovo e de Londres (nos quais mal se sabia destas operações) para garantir que tudo estava em ordem. Depois desta luz verde, os fundos eram sujeitos a uma nova avaliação (*know your client*), em que era verificado se o cliente tinha algum indício de criminalidade. Mas estes fundos, representados por Igor Volkov, passavam sempre nos inquéritos. Apenas eram obrigados a escrever num parágrafo qual era a origem do dinheiro. “E não se perguntava mais do que isso”, recorda um antigo funcionário do escritório de Moscovo. A miopia do Deutsche Bank aca-

bou por levar, devido à pressão das autoridades, à suspensão de três funcionários do banco, em abril de 2015: Tim Wiswell, responsável da sala de mercados na Rússia; e dos *traders* Dina Makusutova e Georgiy Buznik. Cinco meses depois, em setembro, o Deutsche Bank anunciou o fecho da unidade de banca de investimento na Rússia, que só ocorreu em março deste ano.

Na mesma altura, o atual presidente executivo do Deutsche Bank, John Cryan, confessava: “No nosso entender, as operações individuais em si mesmas eram inócuas. Mas o caso levanta questões sobre quão efetivos são os nossos sistemas e controlos, sobretudo na integração de novos clientes, área em que temos tido dificuldades em obter informação suficiente.”

Estas palavras chocam com o código de ética do banco, que serve para “guiar o negócio com a maior integridade”. Há mesmo uma parte deste documento em que fica escrito: “Nós potenciamos o sucesso dos nossos clientes ao procurar as soluções mais adequadas para os problemas. [...] Faremos o que for certo – e não apenas o que for permitido.”